



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

O CASO DOS ALUNOS FOTÓGRAFOS: UMA ANÁLISE DE CASO DA FOTOGRAFIA FILOSÓFICA

ADEILTON SANTANA NOGUEIRA

ÉVERTON GONÇALVES DE ÁVILA

ANTENOR DE OLIVEIRA SILVA NETO

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

RESUMO Desconsidere-se as inseguranças da inovação tecnológica na educação e constataremos de que tanto aluno quanto professor fazem uso cotidiano de tecnologias da comunicação, salvo eng. própria sala de aula. O objetivo desse artigo é apresentar um caso específico dessa experiência, diferencial de sua aplicação na disciplina de filosofia do fundamental II, de uma escola da rede pa de ensino, onde procedemos a uma análise etnográfica de caso com alunos fotógrafos. Tal abo parte da metodologia problematizadora por meio de quatorze questões, as quais se desenvolver vista de responder se a fotografia pode contribuir com o ensino de filosofia. Em meio ao que se | elencamos as orientações das Olimpíadas Filosóficas de Espanha, em demonstração de semelhar categoria de Fotografia Filosófica. **Palavras-chave:** Fotografia; Filosofia; Didática. **RESUMEN** Igr las inseguridades de la innovación tecnológica en la educación, observaremos el hecho de que t alumno como el profesor hacen uso cotidiano de las tecnologías de la comunicación, incluso, en el salón de clase. El objetivo de este artículo es presentar un caso específico de esa experiencia, diferencia de su aplicación en la disciplina de filosofía en la educación secundaria, de una escuela di particular de enseñanza, donde procedemos a un análisis etnográfico de caso con alumnos fotógra abordaje parte de la metodología problematizada por medio de catorce cuestiones, las cu desenvolverán en vista de responder si la fotografía puede contribuir con el enseño de la filosc medio de lo que se propone, relacionamos las orientaciones de las Olimpíadas Filosóficas de Esp: demostración de semejanzas en la categoría de Fotografía Filosófica. **Palabras Clave:** Fotc Filosofia; Didáctica.

INTRODUÇÃO Depois da ubiquidade do registro fotográfico e da incansável necessidade de impor padrões a seus temas, ao ponto de Susan Sontag referir-se a fotografia como uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos (SONTAG, p.10), Andrew Keen, mergulhando na socialização invasiva e rentável da fotografia afirma: “De toda a mídia do século XX, a arte da fotografia individual, é a mais drasticamente socializada pela revolução da Web 3.0.” (KEEN, 2012, p. 48) mais, os interesses por trás da fotografia social somam investimentos de centenas de milhões de dólares para que possamos partilhar nossos retratos íntimos com o mundo. Todavia há muito mais o que nos preocupa com fotos. Antes, porém, de seguirmos a via que trilhamos aqui, tenhamos uma lâmpada à mão. A pergunta que propomos é uma indagação norteadora: De que forma a filosofia pode conhecer através da fotografia? Para nós, isto se acendeu quando nossos alunos de filosofia, do primeiro ano médio, resolveram tirar fotos da lousa ao invés de escrever em seus cadernos. Eram meados de 2014, numa aula comum do período da manhã no horário de sexta-feira. Terminávamos de esboçar a aula na lousa e, como de costume, deixamos que os alunos copiassem em seus cadernos. O inusitado aconteceu. Alguns se levantaram, aproximaram-se do quadro, miraram a câmera de seus smartphones e fotografaram. Isto já deve ter ocorrido com outros professores. Mas, como o clarão de um flash a se apagar, após a aula, continuamos a refletir sobre a cena e se poderíamos aplicar aquela ação como de fato se revelara: didática. Em meio a discussões e questionamentos pedagógicos e diálogo com outros professores a respeito do uso das tecnologias na educação, mostrou-se evidente para que, *in locu*, serviu a câmera dos celulares. Talvez esses aparelhos não sejam o ‘bicho papão’ da distração como dizem por aí. Na ampla possibilidade de se investigar a utilização didática da fotografia em sala de aula, um questionamento nos ocorreu: é possível relacionar filosofia com fotografia?

Perseguindo esse questionamento atribuímos aos alunos um trabalho de pesquisa em torno da temática geral da unidade, escrito como de costume ou com a novidade da captura fotográfica em relação ao tema escolhido. Neste caso, incluíam na introdução como fizeram aquela foto e no desenvolvimento a legenda argumentativa entre foto e temática. Na conclusão, em ambos os casos, deve-se dizer sobre a relação entre o conteúdo estudado em sala de aula e aquilo que experimentamos no cotidiano. Os trabalhos seriam elaborados individualmente e apresentados espontaneamente, no dia de sua entrega. Os critérios para elaboração e avaliação seriam para ambos os trabalhos: autorais; originais; inéditos; contextualizados. A legenda de relação com o tema poderia passar de linhas, não menos e o principal critério de avaliação seria a argumentação pessoal. A turma ficou dividida, curiosa e desafiada, o que não era de se esperar. Ora tinham medo em arriscar perder a nota, ora prefeririam escrever menos porque era mais fácil. Ora optavam pela aventura em sair à procura das cenas das fotos, ora preferiam a garantia de texto na internet. Por fim, garantimos um ponto extra, caso decidissem apresentar o tema, para que se sentissem seguros, pois se não estivessem preocupados com a nota talvez se entusiasmassem com a admiração do professor e da turma, boa parte aderiu à fotografia e apenas eles apresentaram o

trabalhos. A novidade das fotos os empolgara ao ponto de também contarem o drama da fotografia e como escolheram ou montaram as cenas. Assim aprovaram uma experiência que prática didática nas outras turmas do ensino médio. A partir dessas experiências, ocorreu transformar tal proposta didática em projeto de pesquisa de mestrado, que foi submetido em 2 programa de pós-graduação da Universidade Tiradentes, em Aracaju – SE, para 2016. Solicitamos a academia nos ajudar a descobrir essa modalidade, que já vinha se mostrando eficiente na aplicação e compreensão e apreensão dos conteúdos de filosofia. Uma vez aceito, continuamos sua aplicação da pesquisa bibliográfica imprescindível e a fazer registro das atividades dos alunos. Trata-se de uma pesquisa recente, de uma inovação interdisciplinar e tecnológica no tocante ao uso da fotografia no estudo de filosofia. A filosofia já tem contribuído com o estudo da arte, em seu turno, a arte contribui com a filosofia. Ainda mais, desde seu intento, temos encontrado pouquíssima referência transversalidade, fotografia e filosofia, ao menos em português, sobretudo pelos preconceitos recorrentes em deixar que se leiam mutuamente. Mas por se tratar de ideias, podemos refletir mesmo sobre quem discorda. Isto deixa a arte desse objeto mais laboriosa e original, ainda que exija maior acuidade de justificação. Porém, em nada inutiliza este objeto em experimentação. O que pretendemos com este trabalho é apresentar a aplicação da fotografia no ensino de filosofia e exemplificar a sua eficácia mediante a descrição de alguns resultados com alunos, que livremente optaram por refletir filosofia com fotografia. Metodologicamente optamos por aplicar quatorze questões, cujas respostas procuramos, algumas transcrever fidedigna e literalmente os enunciados dos alunos respondentes, apenas omitindo repetições resguardando a identidade de todos. Por fim, em busca de referências a esta pesquisa, encontramos pouca experiência que vale ser confrontada para solidez desta reflexão. Referimo-nos quando deixamos o trabalho acadêmico e outras plataformas de pesquisa universitária e buscamos algum material digital no domínio comum da internet. Fizemos o movimento inverso e menos seguro para um pesquisador. O caminho para a nossa pesquisa foi encontrar, a partir dos verbetes fotografia filosófica, a mesma expressão em língua espanhola para as Olimpíadas Filosóficas 2015/2016 das Universidades de Navarra, Valência, Madrid, Andalucía, La Rioja e Murcia, por exemplo, extensivas aos alunos de 4º de ESO – *Ed. Secundaria Obligatoria*. Isto nos possibilitou fazer algum comparativo com as respostas aqui selecionadas e as *Bases Modalidad Fotografia Filosófica*, disponível nos blogs dessas universidades, em geral, a partir de *Sólo podrán participar fotografías originales; inéditas; incluir de modo visible una pregunta de carácter filosófico que esté relacionada e interactúe con la imagen; la participación es individual; una explicación que justifique el sentido y enfoque de la obra; esta explicación no podrá sobrepasar las palabras*. Destacamos ainda os seguintes Objetivos: *relacionar imágenes fotográficas con la reflexión filosófica* [i]; *descubrir otras formas creativas de practicar la actividad filosófica incitando a la reflexión a partir de las imágenes* [ii]; *acercar la reflexión filosófica a la vida cotidiana del alumnado y aumentar la presencia de dicha reflexión en el ámbito escolar; potenciar en el alumnado el interés por la reflexión y el pensamiento crítico y el diálogo; consolidar y complementar algunos de los contenidos esenciales*

currículo de las asignaturas de Filosofía; establecer lazos entre los profesores de Filosofía y la Comunidad[iii]. E os seguintes Critérios de Avaliação da Fotografia Filosófica: *calidad técnica y estética de la fotografía; riqueza simbólica e iconográfica de la imagen; adecuación, relación y coherencia e imagen con el tema; pertinencia de la pregunta en relación con la fotografía; originalidad y profundidad de la propuesta y el enfoque; capacidad de la composición para provocar sensaciones, emociones y reflexiones filosóficas*[iv]. Com a novidade deste achado, suas Bases, Objetivos e Critérios, iremos demonstrar que nem os nossos intentos nem o conhecimento que os alunos estão construindo da experiência e saber de quem já vem aplicando esta modalidade de reflexão filosófica, com criatividade e tecnologias. **PROBLEMATIZAÇÃO** Da matemática à filosofia, grosso modo, o problema é a situação que se equaciona uma solução. A problematização seria a construção intencional dessa situação. T

nossa sequência de elementos e questões de modo que mereça revisão posterior, obviamente. Desde já, esperamos que esta metodologia seja revisada e continuada por outros estudiosos da área. No caso, sobretudo se o fizerem em experimentação, como se deram estas interrogações aos alunos durante os seus últimos trabalhos de semestre. Esta é uma metodologia de ensino democrática, de respeito ao aluno, da expressão de sua leitura de mundo, conhecimento daquilo que lhe desperta curiosidade e motiva à pesquisa, em razão das dificuldades no ensino de filosofia, sobretudo as motivações dissonantes para que uma aula seja o mais empolgante, elucidativa e útil possível. Inspirados em Freire (1996) valorizamos a capacidade que “criamos de inteligir o mundo sobre que e em que atuamos que se deu simultaneamente com a comunicabilidade do inteligido. Não há inteligência da realidade sem a possibilidade de ser comunicada”. (FREIRE, 1996, p. 60) Dizer daquilo que sabe, sobre o que entende, é fundamental ao desenvolvimento do aluno e está nas preocupações de todos os professores. As preocupações e saberes necessários à prática pedagógica emergem o que Paulo Freire (1996) alerta dos sérios problemas que temos é como trabalhar a linguagem oral ou escrita associada ou não à imagem, no sentido de efetivar a comunicação que se acha na própria compreensão ou inteligência do mundo.” (FREIRE, 1996, p. 60) Um problema que o professor enfrenta e que pode encontrar um caminho na adoção das tecnologias da informação na educação. Afinal, essas tecnologias também mudam a comunicação. Ademais, escola e professor precisam se atualizar. Até mesmo os aplicativos e softwares mais recentes precisam fazer atualizações. Por que não a didática de ensino?

Enquanto sistema, estratégia e método, o desenho de planejamento e execução revela que didática e tecnologia são programação. A lógica de ambas apresenta um sistema sequencial a ser executado?

Mas como fica tudo isso em relação à disciplina de filosofia?

Não raro o filósofo é visto com preconceito, como um alienado da realidade; seu saber de nada vale se não ser para divagar como lunático. Uma saber pouco útil, pouco prático. Dentre as diversas dificuldades elencadas por SIQUEIRA E RIBAS (2012), a superficialidade dos alunos também se constata, *mutandis*, na preparação do professor. A não ser pela desconfiança quanto ao entra e sai da filosofia do currículo escolar, estes autores destacam as dificuldades comuns às demais disciplinas. Da decrepitude

prédio à sujeira em sala de aula, tudo parece desmotivar professores e alunos. Todavia, o que os m
É justamente neste ponto que nós miramos. Nas observações de SIQUEIRA E RIBAS (2012) h
pessimismo realista. Gostaríamos de acrescentar-lhes que a constatação da cultura da visibilidade
vivemos e não apenas os jovens, não pode ser vista apenas como uma deficiência ou dificult
ensino, mas uma oportunidade de reflexão e aplicação pedagógica. Não foi assim nos outros tem
que as teorias de ensino se estabeleceram?

Pois bem, acompanhemos os tempos. Se é cultural a era em que estamos inseridos não sairemos c
cedo, nem há como imputar-lhe culpa ou benevolência, mas como em outros tempos, p
atribuir-lhe intencionalidade e atitudes, isto sim move o mundo e dinamiza a cultura. Façamos este
ares soprarem ao nosso favor; usemos e apliquemos o que de melhor nos trazem. O comur
Andrew Keen (2012) nos alerta sobre a cultura da exposição digital social, mas não acredita que c
tem de ser imperativamente social e diz ser equivocada a ideia de que o assustador hoje é a nece
de amanhã. Ao concluir a sua obra *Vertigem Digital*, este autor parafraseia um famoso pensador b
desse novo mundo conectado, com uma assertiva que alfineta a filosofia, a educação e a socializa
redes. Ao afirmar: "Em vez disso, como nos lembra John Stuart Mill, nossa especificidade como
está em nossa capacidade de nos destacar da multidão, de nos libertar da sociedade, de sermos d
sós, de pensar e agir por conta própria." (KEEN, 2012, p. 201) Antes dissera: "Em vez de apaga
vida virtual, precisamos administrá-la (KEEN, 2012, p. 181), e conclui:

[...] para o bem ou para o mal, o mundo da Web 3.0 [...] das informações p
disseminadas, essa internet de pessoas, está se tonando um lar para todos r
esse exatamente o "conhecimento essencial" que eu gostaria que
aprendessem nesse retrato da vertigem digital em nossa era de
exibicionismo. (KEEN, 2012, p. 201).

Desta forma, ao nosso ver, Andrew Keen (2012) desmitifica não só a intern
todas as tecnologias, pois não se trata de bondade ou maldade, e sim d
como as aplicamos, isto definirá se são boas ou más. A moralidade é uma dir
humana que não se faculta às coisas sem ariscar submeter-se a elas. É
humano quem usa as tecnologias e não o inverso. Se inverteram os polos
digital, a escola e a educação, a família e a sociedade, precisam redime
esses extremos e aprender a mostrar como se usa. Quanto a filosofia, c
recurso didático do professor são os próprios filósofos, o modo como despe
interesse pelas suas teorias e as tornaram essenciais para as suas vidas, par
época e posterior. O professor de filosofia é um filósofo; ênfase, precisa
Vestir o jaleco, incorporar o personagem daquela aula, daquele tema
abordado, envolver os alunos nos moldes de uma *ágora*, anfiteatro ou ac

deve acessá-los em seu mundo digital e ajudá-los desde suas primeiras navegações no Ciberespaço. É em diálogo com o outro que Platão registra a filosofia socrática. O interlocutor é um agente fundamental para o diálogo de suas reflexões, aquele que ensina a sua dialética maiêutica e uma das tarefas centrais do educador, segundo Paulo Freire (1996) ao afirmar:

[...] apoiar o educando para que ele mesmo vença suas dificuldades de compreensão ou na inteligência do objeto e para que sua curiosidade, sempre estimulada e gratificada pelo êxito da compreensão alcançada, seja mantida e estimulada a continuar a busca permanente que o processo de conhecer implica (FREIRE, 1996, p. 60).

A presença pedagógica é o que caracteriza o professor. Não basta conhecer o conteúdo, precisa conhecer o aluno e sua linguagem. Integrar filosofias e tecnologias pode ser um diferencial que religue a disciplina à curiosidade presente em ambas. Talvez a investigação seja o lado dramático da filosofia. A ideia, da simples lembrança à sua reflexão problematizadora, está enredada em tramas a se desenrolar. Sempre houve algo de dramático na filosofia. O artista com suas manhas, o poeta suas palavras, o músico as melodias e o filósofo suas ideias pois que seja o primeiro a praticá-la. Filosofe! Isto nos instigou à problematização da fotografia pode ajudar no ensino e aprendizagem de filosofia. **DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO** O questionário vem ser a terceira ferramenta deste trabalho de construção. O primeiro, como já nos referimos, foram os trabalhos de filosofia com fotografias e legendas desenvolvidos pelos alunos, que se avolumam e nos mostram condições concretas de observar a motivação, a reflexividade e a criatividade no uso das tecnologias quanto no estudo de filosofia. O segundo é o referencial teórico, logo investigado para entender o que ocorria e nos certificar pela direção e coordenação pedagógica do Colégio onde lecionamos Filosofia, bem como desenvolver a arte e justificativa deste mestrado em andamento. A necessidade de aplicar o questionário surge quando se percebe que a experiência dos alunos contribui muito a contribuir no entrelaçamento interdisciplinar da fotografia com a filosofia. Tudo aqui é basicamente nascido em sala de aula. Desde a problematização das questões orientadoras, partimos das discussões em torno das dúvidas e questões dos alunos, de que fazer fotografias pode despertar a visão clara das coisas e não se perderem na sua multiplicidade e variedade ou a ser capazes de "atingir o que se mantém sempre do mesmo modo" (PLATÃO, 2000, p. 179), assim deve ser o filósofo, na definição de Platão ao seu amigo Glauco. É esta

essencial que nos faz ver os detalhes do mundo e nos ater a eles sem dis
Contemplar, procurar saber a verdade de algo não é fixar-se por mais tempo
Detalhes não são distrações. Mirar e ater-se aos fragmentos, isto tocava o
coleccionador Walter Benjamin e os que nele se inspiram. Esta é tam
experiência de Fernanda Lo Bianco Esteves ao “assumir um posicionamento
frente ao entulho produzido pela cultura de massa, interesse este despertad
pequenas coisas; restos, tal qual sentido por Benjamin ao dar importân
detalhes enquanto fonte de verdades filosóficas.” (ESTEVES, 2009, p.
fotografia, esta nova forma de reescrever a realidade, também vem acomp
de uma nova forma de vê-la, refleti-la e comentá-la?

Daí porque pedimos aos alunos que já fotografam suas ideias e retrata
pensamentos, refletidos e demonstrados em suas fotos com legenda, q
explicassem se a fotografia pode ajudar no ensino e aprendizagem de filos
questões foram desenvolvidas nos moldes da aritmética em que vamos res
equações menores em separado, inseridos no grande enunciado, parte a
Assim há dois grandes blocos de resultados até confrontá-los na operaçã
Foram seis questões orientadoras de fotografia básica mais uma sobre o conc
filosofia e outras sete sobre os trabalhos de filosofia relacionada à fotografia.
resultados estão em estatística proporcional, já outras seria um desperdício
compendiar uma resposta única dos alunos. Apresentaremos resultados par
se tratar de um estudo inconcluso. Para mais este passo, empreendemos a p
interlocução entre esta pesquisa-ação e o estudo de caso numa abo
etnográfica de referência metodológica a não acentuar a dic
quantitativo-qualitativo, pois, segundo afirma Marli Eliza D. A. André (1
“quantidade e qualidade estão muito associadas.” (ANDRÉ apud ANDRÉ, 2008, p.
23) Demonstramos os dados etnográficos desta singularidade no específico c
turmas do ensino médio do Colégio São Salvador, da rede particular de ens
cidade de Umbaúba – SE, onde ocorreram os pormenores que levaram
experiência didática, descrita desde acima. O questionário foi aplicado aos
fotógrafos das atuais 2ª e 3ª séries, visto estudarem filosofia com fotografias:
2014. Conforme a orientação da autora (ANDRÉ, 2008, p. 24 a 25), proc
conhecer o quanto esta particularidade implica no processo educativo. Pri
pelo princípio básico da etnografia, que é a relativização. Isto se dá, s
Dauster, “no descentramento da sociedade do observador, colocando o e
referência no universo do investigado”. (DAUSTER apud ANDRÉ, 2008, p.
seja, quando nos colocamos no lugar do outro e fazemos do estranhame

método para descobrir o que há de diferente no que eles viram e que nós não vemos ainda. Este é o cerne da filosofia, buscar algo além das aparências que se mostram. Finalmente, valer-se da estratégia da observação participante, ou seja, que o pesquisador também é o professor da disciplina; ao passo que o professor também é afetado nesse processo. O questionário foi aplicado durante o mês de setembro, no decorrer da segunda unidade do semestre, de maneira a dissipar as dúvidas das questões orientadoras e na ortografia das respostas. O material foi recebido pelos alunos em sala de aula e devolvido em mãos ao professor, e na secretaria da escola e pelo email do professor. **PRIMEIROS RESULTADOS**

Como foi dito acima, o primeiro bloco de questões versa sobre o conhecimento básico de fotografia, a saber, aquele que se tem quando se faz fotos embora seja profissional por formação, por praticidade ou como meio de trabalho. Talvez vejamos que as respostas dos alunos distam do senso comum e não descuem de bom senso. Uma vez que a filosofia recebe outra protagonista para as suas perguntas, todo o questionário é provocativo. Primeiro perguntamos ao aluno: O que vem a ser a fotografia?

Reponderam: "Uma maneira de registrar tudo aquilo que você não consegue escrever. Um método de descrever sentimentos. Serve para expressar e registrar vários momentos da nossa vida. Uma ferramenta humana de registro." Em suas respostas se complementam, mas destacaram a particularidade de registrar a expressão dos sentimentos, do tempo e do espaço. Essas realidades não podem ser descritas de modo convencional ou apenas pela escrita. Para eles a fotografia serve para aquilo que não pode ser escrito. A segunda pergunta quer saber se conhecem sobre fotografia. As respostas pendem para o aspecto operacional do dispositivo, que apenas 20% dos alunos se julgam conhecedores e os demais se dividem pouco ou nenhum conhecimento aprofundado. Nas terceiras respostas, a que utilizam é, unanimemente, a do *smartphone*, ao qual metade deles se interessou em procurar conhecer todas as funções. Sobre o tipo de foto, a maioria prefere fazer *selfie*. Poucos preferiram paisagens ou fotos aleatórias, nas quartas respostas. Há uma cultura fotográfica herdada da sua prática comum, mesmo sendo um invento relativamente recente (1839) para a sua popularidade. Na pergunta dessa série isto se evidencia ao perguntamos aos alunos sobre a intencionalidade de suas fotos. A maioria separou "lembrar" de "expressar sentimentos". A sua maior intenção é "recordar momentos marcantes e registrar". Apesar do senso comum dessa resposta, veremos o quanto ela mudará. A última pergunta também é instigativa: Você gosta mais de fotografar ou de escrever?

Por quê?

Apenas um declarou gostar mais de escrever. No entanto, nosso interesse está nas suas justificativas por se tratarem de reflexões de quem experimenta forma de comunicação e expressão, além da escrita. Alguns alunos preferem fotografar porque “existe fotografia que nenhuma palavra descreve; às vezes a imagem nos mostra coisas que não conseguimos expressar com palavras; forma de estimular a criatividade; você pode marcar algo que nunca mais ocorrer”. Outros defenderam a facilidade, a praticidade e o prazer de fotografar. No entanto os que optam por fotos pretendem dizer além das palavras apenas deixar subentendido. Nas apresentações dos trabalhos, na classe, ficava uma interrogação no ar, por segundos, um suspense e quase se ouvia o pensamento dos alunos: que mais se pode dizer desde que vimos o que eles nos mostraram?

Depois de indagar os alunos sobre fotografia, a sétima pergunta quer saber o conceito de filosofia. Os alunos sabiam que nenhuma resposta deve ser pesquisada, mas redigida a partir dos conhecimentos que já possuíam. Seguiu-se um elenco dos conceitos por eles apresentados, os alunos definem a filosofia “Uma área que estuda o conhecimento, as maneiras de pensar, a verdade política; uma cadeia de reflexões que sempre resulta em algo; as perspectivas das coisas e o aprofundamento; a base de todas as ciências, onde se pode encontrar ideias; uma maneira de exprimir conceitos que foram passados por anos; uma maneira diferente de ver o mundo e o que acontece nele; a mais pura relação com o mundo; o caminho para os esclarecimentos sejam quais forem; relacionada com a existência e o conhecimento, a verdade, os valores morais, a mente, o conhecimento mesmo e os fundamentos da realidade; é tudo que está ao redor, tudo em filosofia, sem ela não existiria questionamento, nem persuasão, nem os gêneros existiram no mundo. Filosofia é a luz.” A precisão dessa resposta certamente é útil na introdução à disciplina. Porém, é na pergunta seguinte que reside o interesse desta pesquisa: Você acha que é possível falar de filosofia a partir de fotografias? Com um sim orquestrado, os alunos justificaram: “Porque a fotografia explica o tema de uma maneira simples e fácil de entender; já que em uma fotografia, durante a reflexão, existem as imaginações. A foto pode ser um resultado de tudo aquilo que se fala ou escreve; pode mostrar a realidade de cada pessoa; pode desenvolver temas encontrados na filosofia; em uma foto se pode fazer várias análises. Pois certos tipos de fotografias demonstram formas filosóficas que muitas vezes não são compreendidas subjetivamente. Com uma fotografia p

expressar algo um estudo, uma ideologia, uma expressão filosófica, tudo isso ser representado por uma simples imagem, ao flagrar algo que de alguma maneira represente os pensamentos". Percebemos que os alunos fotógrafos não tiraram apenas por diletantismo, estética pessoal ou arte. Nessa construção didática envolvidos pela proposta que lhes faz pensar a fotografia de uma forma diferente que estavam acostumados. Retomemos a quinta questão, quando lhes perguntamos quais são suas intenções ao tirar fotos responderam, trivialmente, para lembrar os momentos mais felizes e, além desta, a próxima questão demorou no amadurecimento da intencionalidade filosófica das fotografias dos alunos. Você escolheu o tema de seu trabalho?

Esta é a nona intervenção pretende saber em qual direção os alunos se movem quando se referem a uma atividade didática. Foi-lhes explicado que o tema do trabalho poderia ser qualquer assunto da unidade letiva. Logo, se o tema escolhido por eles não tivesse sido visto em sala, mas estivesse relacionado às aulas, foi aceito. O aluno poderia contribuir com algum enfoque no qual o professor estendeu. A maior relevância deste alunado se referiu ao critério de "interessante", com suas palavras, aquele que: "pudesse me ajudar a perceber a realidade, por ser o contrário do que eu pensava, para conhecer melhor o mundo que nos parece, acessar o gosto pessoal dos alunos pode ser uma estratégia didática eficaz. Mas o que lhes desperta interesse?

Conforme disseram: aquilo que lhes ajuda a perceber melhor a própria realidade. Referências de Qualidade para a Educação Superior a Distância, do Ministério da Educação (BRASIL, 2007), no tocante à realidade do aluno, afirma que:

"Partindo da idéia de que a realidade só pode ser apreendida se for considerada em suas múltiplas dimensões, ao propor o estudo de um objeto, busca-se, além de levantar quais os conteúdos podem colaborar no processo de aprendizagem, também perceber como eles se combinam e se interpenetram." (BRASIL, 2007, p. 9).

O significado que as Referências do MEC (BRASIL, 2007) dão à realidade e contextualizam diz respeito ao conhecimento que cada sujeito constrói, pessoalmente e socialmente, como resultado de um processamento de interpretação e compreensão das informações; destacam a necessidade da superação da visão fragmentada do conhecimento e dos processos naturais e sociais; a superação ensejaria uma estruturação curricular interdisciplinar e contextualizada. Deste modo quanto mais relacionarmos os assuntos à vida dos alunos tanto

despertaremos interesse pelo conhecimento. Esta relação será a maior dificuldade apresentada por eles ao trabalharem filosofia com fotografia. Os nossos alunos sempre sabem fazer pontes existenciais, de uma educação para a vida ou I testemunhais de constatação, no cotidiano, daquilo que aprenderam na escola. O difícil seria encontrar a relação entre imagem ou cena para o tema escolhido. Se investigarmos sobre essa relação, partimos para a décima primeira pergunta: seu ver, há diferença entre fazer fotos de temas filosóficos e fotos do dia a dia? Qual?

Os alunos concordam que há relação, mas ressaltam inúmeras diferenças entre fotos comuns e as de assuntos de filosofia, sendo que as fotos do dia a dia são mais fáceis e apenas para registrar momentos sem precisar olhar o momento através de outros olhos. A foto filosófica faria refletir e a foto do dia a dia apenas levaria o olhar. Entre eles, há quem não veja muita diferença, dependerá do ponto de vista de cada pessoa que olha e estuda a imagem, pois, segundo afirma, "qualquer coisa do dia a dia pode se encontrar em um estudo filosófico; o que muda é a sua forma de olhar e entender ela". Numa pedagogia da autonomia, concordaremos em deixar que os alunos emitirem suas opiniões, isto já ajuda ao professor. A divisão de tarefas entre os alunos entrevistados não descaracteriza, mas reforça o caráter interpretativo e reflexivo de uma foto apresentada para uma discussão filosófica. Se foi a realidade para este fim ou não o que está em estudo, e não podemos esquecer a problematização levantada no início, a luz que foi acesa, é se as fotografias ajudam os alunos a conhecer e usar os saberes da disciplina de filosofia. Ainda que não visualizemos alguma conclusão na diferença do olhar dos alunos, esta será a resposta que teremos deles. Estamos nas antepenúltimas asserções. Estes quesitos finais desfecham o enigma e completam o quebra-cabeça. São perguntas *qua non*, porém sozinhas não cumpririam o seu propósito. Na duodécima pergunta propomos que explicassem o que é fotografia filosófica. Integramos as frases dos alunos em uma única resposta, a saber: "Um objeto de estudo muito importante da filosofia que registra momentos que mostram temas filosóficos; a descrição dos sentimentos envolvidos com reflexão. Algo que antes era banal ou despercebido e lhe dá um conhecimento a mais, faz refletir. Tem uma reflexão trazida pelas fotos, sobre a vida e o mundo; é crítica, baseada nas ideias de um filósofo. É uma forma de análise das imagens. É olhar o momento ou situação através de outros olhos, ou seja, encaixar a filosofia na expressão do rosto, no olhar e no gesto". Voltemos às Bases, Objetivos e Critérios da VIII Olimpíada de Filosofia (2015/2016) das Universidades de Navarra, Valência, Madrid, Andalúcia, La

Murcia, referidas na Introdução deste artigo e constatamos que nossos alunos do ensino médio do Colégio São Salvador, de Umbaúba – SE, não distam pretendem os hispânicos. A descoberta de que haja outras iniciativas semelhantes, na Europa, nos motiva a continuar com esta didática e tentar troca de experiências. Ademais, estamos estudando o *Documento elaborado por la Comisión de Fotografía de la Olimpiada Filosófica de Madrid* [v], para que no em referências posteriores. Pareados com as universidades espanholas, a preocupação pedagógica dessa didática, bem como desta avaliação, encontra implicações e mudanças no desempenho do aluno, na sua forma de ver o mundo e as pessoas ao fotografar com temas filosóficos. Sobre isto fizemos questionários e perguntamos-lhes. Apenas 20% não percebeu nenhuma mudança. Os demais deram o seguinte depoimento do que mudou: “A noção de mundo estudada nas aulas de filosofia humanas se ampliou; o que passa por trás de cada um e o porquê estão querendo falar aquilo; a percepção em analisar pequenos detalhes não vistos antes. Fazer mais percepção, a entender mais o comportamento das pessoas, a reconhecer rostos, em como os atos são programados e como às vezes somos ingênuos e imaturos. Fotografar sabendo com que tema filosófico está sendo usado ajuda a refletir sobre certas coisas. Pois a filosofia está em toda parte e as pessoas acabam falando sobre parte de temas filosóficos sem nem perceber.” Então voltamos ao começo, citávamos a experiência de Fernanda Lo Bianco Esteves ao aprender a ser filósofo pelo seu interesse às pequenas coisas, segundo ela, semelhante ao que Benjamin sentia “ao dar importância aos detalhes enquanto fonte de verdades filosóficas.” (ESTEVES, 2009, p. 10) Quanto aos alunos, finalmente lhes indagamos: Os trabalhos com fotografia ajudaram na disciplina de filosofia?

Em quê?

A resposta é um sim em diversas fotografias. Todavia, a questão tem um desdobramento: Em quê?

Talvez a menor pergunta de todo este inquérito e a mais importante proposta deste artigo. Segundo o depoimento dos alunos, a fotografia pode ajudar no ensino e aprendizagem de filosofia a: “Entender como quase todo ser humano tem a capacidade de agir e de pensar baseada no seu conhecimento; a enxergar o mundo de outra forma e de saber que nada é certo e nem errado e que podemos transmitir algo, como os nossos sentimentos, através da fotografia. Ajudar na interpretação dos pensamentos filosóficos; a desfrutar de novos conhecimentos como uma nova maneira de estudar. pois me mostra as diversas formas que

foto pode ser interpretada e os temas que elas carregam em si. compreender melhor o que os filósofos queriam explicar, me fez ter mais in e pensar a filosofia de outra maneira, pois não acho mais que seja algo de li sim de pessoas incrivelmente inteligentes. Consigo identificar a filosofia em situações com mais facilidade.” Talvez a professora Susan Greenfield não sozinha na declaração que segue: “Meu medo é que essas tecnologias e infantilizando o cérebro até o estado de uma criança pequena, atraída por b e luzes brilhantes, que tem um intervalo de atenção diminuto e vive apenas momento.” (GREENFIELD apud KEEN, 2012, p. 80) Contudo, diante do exp no caso da câmera acoplada ao smartphone, sempre conosco e sempre podemos propor uma intencionalidade ao seu uso que esteja a serv inteligência reflexiva, como neste caso dos alunos fotógrafos. **CONCLU:** levantamento de diversas hipóteses, ainda que provisórias, perpa desenvolvimento deste caso. Em lugar de generalizações oferecemos des fieis ao enunciado dos alunos, base suficiente de informações circunscrita: singularidade. Se pareceu uma descrição densa foi proposital para que e encontre similaridades e diferenças que facilitem uma aplicação de transferê generalização, segundo os autores LINCOLN E GRIBA (apud ANDRÉ, 2008 que favoreça o contexto para fazer julgamentos de possibilidades a ser apl outro caso, a posteriori. Também nós seguiremos com a pesquisa e e trabalhos de filosofia com fotografias, com os alunos do ensino médio do São Salvador, de Umbaúba-SE. Um vez que haurimos bons resultados, esp que outros professores experimentem e compartilhem com os pesquisad seus resultados. A fotografia, do modo como foi aqui apresentada se prest um problema filosófico e uma foto tanto pode apresentar um conteúdo filos priori, como se pode aplicar a ela alguma temática letiva, a posteriori. T professor pode iniciar a aula a partir da leitura fotográfica quanto os alunos demonstrar o assunto a partir das fotos que tiraram. De maneira que o cont a sua reflexividade serão privilegiados no diálogo entre professor e alunos e com alunos. Uma prática assim desenvolvida talvez equilibre imagem e text de possibilitar uma ‘tele-visão’, ver longe, ver além do livro e das ilus prontas. Quem sabe deixamos os alunos direcionarem o seu olhar e ater detalhes que lhes interessam, quem sabe lhes ensinamos a pensar e e ensinam a confiar mais em suas escolhas e acreditar no que conhecem. Que os alunos fotógrafos não se tornam filósofos com câmeras nas mãos.

REFERÊNCIAS ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Estudos de caso: pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro Editora, 3ª Ed. 2013 (Série Pesquisa) BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação a Distância. **Referências de Qualidade para a Educação Superior a Distância**. Brasília, 2007.

Disponível em:

[http://](http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf)

portal.mec.gov.br

[/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf)

Acessado em: 26 Abr 2016. ESTEVES, Fernanda Lo Bianco. **Image redenção: o colecionador benjaminiano e a fotografia enquanto produto de felicidade**; orientadora: Kátia Rodrigues Muricy. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2016. 79f.; 30 cm

Disponível em:

[http://](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp112439.pdf)

[www.](http://www.dominiopublico.gov.br)

[dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)

[/download/texto/cp112439.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp112439.pdf)

Acessado em: 22 jun 2016 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 25ª Ed. 1992. (Coleção Leitura) KEEN, Andrew. **Vertigem Digital: Por que as redes sociais estão dividindo, diminuindo e desorientando**; Tradução Alexander Martins. São Paulo: Zahar, 2012. PLATÃO. **A República**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret. 3ª Ed. 2000. vol. 36 (Coleção a obra prima de cada filósofo) SIQUEIRA, Grégori Lopes e RIBAS, Maria Alice Coelho. **Dificuldades no ensino de filosofia no cenário da educação básica brasileira**. XVI Jornada Nacional de Educação. Agosto de 2012.

Disponível em:

[http://](http://jne.unifra.br/artigos/4731.pdf)

jne.unifra.br

[/artigos/4731.pdf](http://jne.unifra.br/artigos/4731.pdf)

Acessado em: 19 Abr 2016 SONTAG, Susan. **Sobre fotografia: Ensaio**

Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Disponível em:

Disponível em:

<http://>

lelivros.black/book/baixar-livro-sobre-fotografia-susan-sontag-em-pdf-mobi-e

Acessado em 26 Jun 2016.

[1]

Disponível em:

<http://>

fotofilonavarra.blogspot.com

.br

/p/bases.htm

|

Acessado em: 18 jun 2016 [1]

Disponível em:

<http://>

olimpiadafilosoficacm.blogspot.com

.br

/

Acessado em: 18 Jun 2016 [1]

Disponível em:

<http://>

olimpiadafilosoficarm.blogspot.com

.br

/p/blog-page.htm

|

Acessado em: 18 jun 2016 [1]

Disponível em:

<http://>

olimpiada.filosofica.andalucia.aafi.es/?

page_id=93

Acessado em: 18 Jun 2016 e <http://>

olimpiadafilosofialarioja.blogspot.com

.br

/

Acessado em: 18 Jun 16. [1]

Disponível em:

<https://docs.google.com>

[/file/d/0B0PPFw976SNDR3NUWVIXbGd0Smc/edit?](https://docs.google.com/file/d/0B0PPFw976SNDR3NUWVIXbGd0Smc/edit?)

[pref=2&pli=1](https://docs.google.com/file/d/0B0PPFw976SNDR3NUWVIXbGd0Smc/edit?pref=2&pli=1)

Acessado em: 22 Jun 2016

* Licenciado em Filosofia – Faculdade Católica de Anápolis. Professor de Filosofia Ensino Médio. Membro da Academia Tobiense de Letras e Artes – ATLAS e do Núcleo de Pesquisa em Educação, Tecnologias da Informação e Cibercultura – Mestrando em Educação – Universidade Tiradentes – Unit, bolsista Prosup, Email: adeilonthoy@gmail.com

** Professor Ppg I da Universidade Tiradentes do Programa de Pós-Graduação em Educação. Licenciatura e Bacharelado em História, Mestrado em Educação e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande e Pós-Doutorado em Psicologia Social pela PUCRS (2008). É professor do Núcleo de Educação a Distância da Universidade Tiradentes. Email: everton.vila12@gmail.com

*** Formação em Educação Física (Unit), Pós Graduado em Educação Inclusiva (Libras (Fama), Mestrando em Educação (Unit), Participante do Núcleo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência – Nupieped (UFS). Email: antenoneto@hotmail.com

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 05/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: